Saudando Valdelice Girão

Mozart Soriano Aderaldo

Ensinou-nos o Padre Antônio Vieira, em celebrado sermão sobre Santo Antônio, ser mais apropriado, nas festas agiológicas, falar *como* os santos e não *dos* santos.

Nesta sessão em defluência, entendemos ser mais adequado saudar a nova sócia efetiva do Instituto do Ceará discorrendo ao modo do saudoso consócio ora sucedido por sua prima e pupila, quando louvou, há trinta e três anos passados, novos membros desta entidade cultural, em vez de falar dele, como costuma acontecer em festas semelhantes. Fê-lo, então, sem qualquer sombra de dúvida, com muito mais brilho e autoridade, pois o modesto orador oficial desta solenidade tem porfiado em inscrever-se entre os mais entusiasmados admiradores e os mais sinceros amigos do grande historiador falecido há poucos meses, para tristeza de todo o Ceará.

Procuraremos seguir-lhe os seguros passos naquela memorável peça que proferiu em 25 de agosto de 1955, saudando uma dezena de companheiros novos, sete dos quais desaparecidos antes dele. É roteiro tranqüilizante para quem ainda se ressente de sua falta, recompondo-se pouco a pouco ao substituir a dura surpresa pela doce saudade imorredoura.

Começaremos recordando já nos ter sido oferecida a grata oportunidade de relembrar a opinião, sob todos os pontos de vista favorável, do sociólogo Gilberto Freyre acerca

(*) Discurso pronunciado em sessão solene do *Instituto do Ceará* destinada a deferiri posse à recém-eleita sócia efetiva Valdelice Carneiro Girão, eleita para a Cadeira nº 20, anteriormente ocupada pelo historiador Raimundo Girão. Dia 4 de novembro de 1988.

do Ceará. Se o mineiro é o suíço do Brasil, por seu espírito refletido, moderado e conservador, o cearense é o holandês brasileiro, com sua irrequietude, sua ousadia e seu andarilhismo. Em síntese enunciadora do seu posicionamento, o Brasil, segundo o sociólogo pernambucano é para todos, até para outras raças e povos, enquanto o Ceará é para os cearenses, apenas.

Disso decorreria, par a par com outras concausas não subestimáveis, o pequeno contingente de estrangeiros no Ceará, não obstante nessa proverbial hospitalidade, fruto de certa dose de complexo de inferioridade não conflitante com o arrojo, a audácia, a afoiteza, quase a temeridade com as quais nossa gente enfrenta as adversidades.

Somos, destarte, uma lareira racial no Brasil, pois a miscigenação no Ceará se limitou, praticamente, ao português ambicioso e sensual e ao ameríndio matreiro e desconfiado.

Disso decorre, sem dúvida para nós, o vasto e rico acervo de coisas várias, herança das duas raças formadoras da etnia cearense, sempre decorrentes de artes portuguesas para aqui trazidas e de práticas indígenas daqui oriundas. Surpreenderia, mesmo, o apedeuta desprevenido, a ausência de remanescências da cultura africana, somente do último para cá trazidas, aliás artificialmente, sem profundas raízes em nosso ciclo evolutivo.

A esse respeito, há quem tente explicar esse fenômeno, não somente pelo fato de o território cearense haver sido visitado por lusitanos, com intuitos realmente colonizadores, mais do século após a descoberta cabralina, mas, ainda, como o disse com autoridade Capistrano de Abreu, pelo tipo de atividade econômica da nossa vocação. O criatório se adaptava mais aos costumes de nossos antepassados indígenas, acostumados a largos horizontes, não sendo de sua preferência o plantio da cana, mais apropriado ao esforço do negro, já em fase de trabalho gregário. Ciclo do criatório, da pecuária, do couro ou do boi, pouco importando como queiram chamá-lo; foi o terceiro do Brasil colonial, com repercussões inapagáveis no Nordeste semi-árido, sua área de ação. O que ressalta à vista dispensa comprovação, principalmente tendo em seu prol a opinião do maior historiador patrício, por sinal nascido no Ceará. Já naqueles tempos vocacionava-se nossa pátria para o sistema de muitas ilhas ou pólos, como se diz em economês. Preferimos a imagem do arquipélago, visto como, isoladas pela distância e outras dificuldades, as Capi-

tanias, depois Províncias e Estados, se achavam ligadas, indissoluvelmente, pela civilização ocidental-cristã, pela religião católica e pela língua lusa. Esboçavam-se, desde então, os vários *brasis* dentro do Brasil maior, fenômeno salientado, não faz muito tempo, pelo sociólogo francês Jaques Lambert, em estudo respeitável.

Tardia a ocupação do nosso território, realmente ocorrida a partir do Século 18, haveríamos de atrasar-nos em outros setores, inclusive nas lides culturais, inobstante os cinco luminares doados pelo Ceará ao Brasil nos domínios da literatura de ficção — José de Alencar, no campo jurídico — Clóvis Beviláqua, na ciência filosófica — Farias Brito, na música de inspiração nacional — Alberto Nepomuceno, e na historiografia — Capistrano de Abreu. E acrescentaríamos um sexto, tão digno quanto os cinco citados, grande em sua respeitável e numerosa bibliografia, cujo centenário, para tristeza de seus admiradores e amigos, corre o risco de transcorrer nostalgicamente a 29 de dezembro próximo — Gustavo Barroso.

Iniciada foi a jornada cultural cearense apenas em 1845, com a criação do glorioso Liceu do Ceará, onde estudaram humanidades muitos dos componentes deste Instituto. Seguia-se-lhe, em 1864, a instalação do Seminário da Prainha, primeira escola do nível superior inaugurada em nossa terra.

No campo das letras propriamente dito pouca repercussão tiveram os "Oiteiros" patrocinados pelo Governador Inácio de Sampaio, lá pelos idos da segunda década do Século 19. Seria mister aguardar a publicação dos *Prelúdios Poéticos* de Juvenal Galeno, em 1856, bem como a divulgação das pesquisas históricas e estatísticas do Senador Pompeu, vindas a lume quase concomitantemente com aqueles. Especial referência merece a organização, na década de 1870, da chamada "Academia Francesa do Ceará", segundo Tristão de Athayde o primeiro movimento cultural do Ceará, de cunho eminentemente filosófico. Seguiu-se-lhe a campanha em prol da libertação dos escravos, também salientada por Tristão de Athayde, para quem o movimento em torno das sociedades emancipacionistas e principalmente do jornal *Libertador* foi o segundo em importância entre nós, caracterizando-se como tipicamente político. A década seguinte estaria fadada a assistir a fundação de duas entidades de cunho eminentemente cultural — o Clube Literário, em 1886, e o Instituto do Ceará, no ano seguinte, constituído este, a princípio, de doze

sócios efetivos e atualmente, após várias reformas estatutárias, composto de quarenta deles, uma de cujas vagas hoje se preenche. Referimo-nos à Cadeira nº 20, antes ocupada por Raimundo Girão, o grande historiador recentemente falecido, para cá convocado desde 1941. Somente anos depois foram organizados outros organismos culturais, dentre os quais injusto seria não aludir à Academia Cearense de Letras, em 1894, e, muitas décadas depois, o Grupo Clã, a Universidade Federal do Ceará e a Secretaria Estadual de Cultura, pioneira no Brasil.

A vida do Instituto, ao longo de 101 anos já completos, seria impossível de resumir em poucas páginas. Inúmeros pesquisadores dele já se hão ocupado e servido e muito se poderá dizer, ainda, de sua profícua atividade. Cento e um números ordinários de sua autorizada Revista, inúmeras outras publicações de sua responsabilidade, inclusive a alentada coleção intitulada *Grande História do Ceará,* e os oito volumes especiais do seu periódico anual bem falam do seu gigantesco trabalho durante mais de século, motivo pelo qual alguém já declarou, quiçá com certa dose de exagero, não constituir desastre maior o desaparecimento de todos os arquivos cearenses se preservada fosse a coleção completa das publicações do Instituto do Ceará, especialmente de sua preciosa Revista.

Em solenidade a esta semelhante, há trinta e três anos passados — insistamos em dizer — precisamente o grande e saudoso sócio cuja Cadeira hoje se preenche, em decorrência do seu lamentável falecimento, salientava os esforços para vencer os empeços, representados mormente pela negligência dos homens públicos para com a Casa do Barão de Studart. Foi mister juntar-se o idealismo do Governador Plácido Aderaldo Castelo e do Reitor Martins Filho para possuir o Instituto do Ceará esta bela e condigna sede. Mas Plácido integrava e Martins integra o quadro de sócios efetivos da Casa. Beni Carvalho, Parsifal Barroso e Gonzaga Mota foram razoavelmente generosos. Os demais, quando muito entreabriram os cofres estaduais, sem maiores conseqüências, como Carneiro de Mendonça, Menezes Pimentel, Machado Lopes, Paulo Sarasate, Virgílio Távora e César Cals Filho. Quanto aos auxílios dos outros — são palavras do próprio Raimundo Girão — "nunca passaram, efetivamente dos limites da migalha as subvenções" doadas nos "in-

tervalos lúcidos do descaso governamental", simples "óbolos, esmolas de mendigo", vindas "jamais *sponte sua*".

E a qual instituição negaram e negam obstinadamente maior apoio, em dissonância com o ocorrido em outras plagas com relação a entidades congêneres, cujo exemplo eloqüente é o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, tão respeitado por todos, "clero, nobreza e povo", naquele Estado? Não somente pelo realizado e a realizar, deveria merecer o Instituto do Ceará o apaio de todos, inclusive dos poderes públicos, mas ainda pelo significativo elenco de sócios efetivos, gente do estofo do Barão de Studart e ainda pelo não menor brilho de seus onze companheiros fundadores desta entidade, como sucessores, no total de 110 no decorrer de mais de século de existência, numa correspondência de cerca de um por ano.

Se a instituição muito serviu ao Ceará, também de todos eles se tem servido, se vem servindo e se servirá, inclusive da nova sócia, eleita pela unanimidade dos presentes à assembléia eleitoral, considerados seus indiscutíveis méritos pessoais.

A instituição tida e havida como o *ápice da cultura do Ceará* precisa cada vez mais alargar seu campo de atividades e imprimir aos estudos de Geografia, Antropologia e História — como alguns preferem seqüenciar nossos três espaços de ação — um sentido moderno, além daquela "simples concepção de uma deleitosa leitura das páginas do passado e do superficial exame da geofísica e do homem como indivíduo animal", no dizer do citado Raimundo Girão, para quem, ainda, será preciso "penetrar no sítio fertilíssimo das pesquisas e descobertas aptas a fornecer as almejadas e indispensáveis interpretações". Isto pela razão, lembrando a opinião de Ortega y Gasset, de somente assim a História passar a ser ciência, uma "construção e não simples recreação", um "descobrimento de realidades e não manipulação".

* * *

Fostes para isso convocada, ilustrada professora Valdelice Carneiro Girão. Já conhecíamos vossa aptidão para as pesquisas antropológicas e históricas, desde quando publicastes em número de nossa Revista, relativo ao ano de 1970, valiosa pesquisa sobre a "Cerâmica Indígena do Ceará"; no tomo correspondente ao ano de 1979, alentada ex-

posição sobre "Os Movimentos Pré-políticos da Década de 1840-50 em Pernambuco — Mata-mata e Fecha-fecha"; e no volume referente ao ano de 1982, longo estudo sobre a "Dependência da Capitania do Ceará ao Governo de Pernambuco — 1656-1799". E por isso esta instituição vos proclamou Amiga do Instituto, título parcimoniosamente outorgado a iniciados nas atividades de sua atribuição.

Nunca dormistes sobre os louros justamente conquistados ao longo de vossa profícua vida de pesquisadora e professora universitária. Paralelamente àquelas três colaborações publicadas na Revista do Instituto, divulgastes, em 1960, a vossa *Contribuição à Nomenclatura e Classificação das Rendas no Ceará; Rendas do Ceará, Nomenclatura e Classificação,* na *Revista Brasileira do Folclore,* tomo de maio-agosto de 1963; "Rendas e Bordados do Ceará", em 1965; "A Renda de Bilros e seus Artífices", em 1966; "A Coleção Artur Ramos", nas páginas da *Revista de Ciências Sociais,* tomo de 1971; a obra de natureza didática, em colaboração com Cybelle Pompeu de Sousa Brasil, da fina estirpe dos Pompeus, intitulada "O Meu Ceará", em 1977; depois insististes na importância de "Artur Ramos e sua Coleção", em 1983; no seguinte ano tratastes do assunto importantíssimo para nossa economia, antes referido apenas por Raimundo Girão em sua valiosa *História Econômica do Ceará* e por Renato Braga em estudo publicado na Revista deste Instituto, tomo de 1947, tendo o vosso trabalho recebido o título de *As Oficinas de Charqueadas no Ceará,* em 1984; nos presenteáveis com vossa obra maior, não somente pelo elevado número de páginas (448), como principalmente por seu rico conteúdo, resultante de alongada e percuciente pesquisa, intitulada, modestamente, *Renda de Bilros;* e, finalmente, oferecestes aos jovens pesquisadores os valiosos conselhos integrantes do vosso *Catálogo Guia do Pesquisador,* editado no decorrer do ano fluente. Não fosse bastante vossa produção intelectual, através de publicações propriamente ditas, colaborastes, ainda, na imprensa, no afã de divulgar o rico acervo de vossos conhecimentos na especialidade por vós escolhida, servindo de exemplos os artigos intitulados "A Implantação dos Primeiros Núcleos Urbanos na Capitania do Siará Grande", "O Processo de Ocupação do Espaço no Ceará" e "As Charqueadas no Ceará", vindos a lume no jornal *O Povo;* "O Governo Caio Prado e a Migração Cearense em 1888", no *D. O. Letras,* feliz iniciativa da direção da Imprensa Oficial do Estado do Ceará; e "Caio

Prado, Presidente do Ceará — 1888-1889", no periódico *Leitura* de São Paulo.

Pelo rol de vossos trabalhos, vê-se logo, com evidência, serem os estudos antropológicos os vossos mais puros amores. E foi bom ter isso acontecido, pois nossa entidade, tão opulenta de honestos e autorizados historiadores, cujo exemplo maior, nos últimos tempos, é vosso primo Raimundo Girão, a quem sucedeis, ressente-se de maior número de geógrafos e antropólogos. Diz-se, mesmo, não ser cientificamente correta nossa designação, mantida graças ao amor à tradição reinante nesta Casa, pois seria melhor seguir o ritmo natural das coisas, vindo a geografia em primeiro lugar, a antropologia em segunda fase e a história, resultado da ação do homem sobre o meio ambiente, por fim. Longe de significarem estas minhas observações ter sido nosso Instituto desidioso nesse aspecto. Pelo contrário. Nossa ânsia de produzir sempre mais em prol da terra cearense no importantíssimo setor cultural é responsável por este bem intencionado desabafo, tão bem inspirado quanto aquele do historiador Raimundo Girão ao reclamar contra a desídia dos poderes públicos, da República, do Estado e do Município, relativamente às atividades culturais, lastimavelmente representada na (quase diria) criminosa indiferença, já aqui aludida, quanto à passagem do primeiro centenário de nascimento de Gustavo Barroso, não obstante os pedidos, os apelos, as reclamações de quem se preocupa bastante com essa lamentabilíssima falha dos Governos Estadual e Municipal e do povo cearense em geral. Enquanto isso, dormem na Imprensa Oficial do Estado os originais para a reedição das deliciosas memórias do nosso ilustre conterrâneo, carinhosamente preparados e mais carinhosamente anotados por este modesto orador, aguardando compreensão por quem de direito.

Insistimos em encarecer maiores cuidados com a literatura e a arte populares. Há tempos, ainda bem jovem, discorremos sobre a matéria em modesta monografia intitulada "Esboço de História da Literatura Brasileira" e inserimos esse ramo cultural entre os vários componentes do gênero classificado como literatura oral, embora tenhamos ressaltado, de logo, serem insatisfatórios os limites fixados pelos estudiosos do assunto, visto como a arte literária pode ser *do* povo ou *para* o povo. "Esta última — esclarecemos então — é eminentemente didática, intencional, escrita, vulgarizadora". Isto posto, referentemente à literatura popular, duas correntes se

digladiam: "a dos coletivistas, entre os quais destacamos João Ribeiro", e "a dos individualistas, possuindo entre os seus Afrânio Peixoto", para quem a literatura popular, apesar do rótulo recebido, "é obra pessoal". Nossa opinião sobre o assunto, modesta embora, se achava baseada em grandes autoridades na matéria, mas ousamos afirmar algo diferente, entendendo não caber inteira razão nem a um nem ao outro daqueles pontos de vista. De fato, para nós, os individualistas acertam ao considerar a literatura popular "o conjunto de várias produções personalíssimas. Mas os seus autores hão de retratar e interpretar a alma popular", pois do contrário "não encontrarão acolhimento por parte do povo e seus trabalhos não se transformarão jamais em populares, cujos autores desaparecem para permanecer apenas a obra. Dá-se, portanto, uma colaboração da individualidade com a coletividade".

Mutatis mutandis, aplique-se o exposto à arte popular. A divulgação dos trabalhos manuais de nossas artesãs interioranas é faina intelectual personalíssima vossa, Professora Valdelice Carneiro Girão, enquanto seu conteúdo é legítimo afloramento das anônimas artífices cearenses, obreiras de manipulações herdadas de ancestrais advindos do longínquo setentrião português em miscigenação com os costumes e a arte dos índios por aqueles aqui encontrados e depois incrustados na civilização ocidental-cristã. É, pois, pesquisa e interpretação de preciosos legados, os mais legítimos e valiosos no domínio da arte popular cearense.

Destarte, o estudo da antropologia cearense determinou a vossa escolha para o difícil preenchimento da Cadeira nº 20, sempre ocupada, desde 1941, pelo autorizado historiador Raimundo Girão.

* * *

É hora de terminar. Mas, se iniciamos esta saudação falando como ele, se o seguimos no já longo trajeto desta saudação, justo e conveniente seria concluir ao modo dele na peça oratória antes referida, e é o que passamos a fazer.

O saudoso mestre findou sua louvação a dez novos sócios efetivos do Instituto ressaltando ter sido a eleição, determinante daquela festa, não o resultado de "quaisquer combinações ou transigências", nem o mero desejo de manter íntegro o quadro social do Instituto, "e sim trazer para

ele o rico potencial da vossa inteligência e da vossa capacidade realizadora, promessa e garantia do trabalho de renovação e de equipe por nós tão intensamente desejado".

Diga-se o mesmo em relação ao vosso ingresso nesta Casa, professora Valdelice Carneiro Girão. Resulte ele "em compromisso sério". Contamos com vossa aquiescência e com vosso trabalho em prol da cultura cearense e da manutenção do alto prestígio do Instituto do Ceará, "glorioso ápice mental desta terra do sol", no dizer de vosso primo, mentor e imediato antecessor.

Sede feliz. A Casa é vossa também.